

## A maioria do Real

Marcelo Neri\*

Dando um passo atrás, terminamos a década perdida dos anos 1980 com eleições diretas para presidente, mas também com os nossos recordes históricos de desigualdade e inflação, desafios que marcariam a agenda de políticas públicas dos anos vindouros. O Brasil foi o país com maior inflação no mundo entre 1970 e 1995. Foi tanta inflação que, mesmo após 20 anos de estabilidade, somos o segundo em inflação acumulada desde 1970, perdendo apenas para a República do Congo e goleando a Argentina, nossa rival neste campo.

A década de 1990 foi a da estabilização. Em 1994, Fernando Henrique, auxiliado pelos seus fiéis escudeiros, fincou a lança no coração do dragão da inflação, cessando a feia fumaça que apagava horizontes. A revolução do presidente com nome de príncipe não está na realeza, mas no sentido de realidade propiciada pela moeda estável. A estabilização monetária trouxe ganhos distributivos associados à virtual extinção do imposto inflacionário que incidia mais sobre os pobres. Mas como o próprio nome sugere, o grande ganho do plano de estabilização foi a estabilidade. Mais como condição necessária do que suficiente para a obtenção de mais igualdade. A partir daí, começamos a planejar nosso futuro. Longe das incertezas e das ilusões monetárias, passamos a ter uma agenda real.

O Plano Real conferiu maior propriedade na busca da prosperidade e da igualdade. Já o novo século pode ser chamado como o da queda da desigualdade de renda, processo liderado inicialmente por Lula, um autêntico filho deste solo, privilegiando não só o país do futuro descortinado a partir da estabilização mas o país do passado, habitado por pessoas pobres que haviam ficado historicamente para trás. Lula foi sucedido por sua herdeira política, que começa o seu governo como termina o nosso hino, como mãe gentil que cuida dos desvalidos e das crianças portadoras do futuro do país.

A partir de 2004, a redução de desigualdade vem acompanhada da volta do crescimento da economia, perfazendo o caminho do meio que temos perseguido desde então. Neste ínterim floresceu o emprego formal e uma nova classe média com 42 milhões de brasileiros incorporados ao mercado consumidor, tamanho da população argentina. Se neste período demos os pobres aos mercados, que manteve as rodas da economia girando na crise, falta dar mais e melhores mercados aos mais pobres através de capital humano, físico e social de qualidade. Muito foi feito mas é preciso melhorar a cobertura e a qualidade dos principais serviços públicos oferecidos à população tais como saúde e educação; estimular a poupança das famílias, o investimento das empresas e a produtividade de todos. Esta é parte da agenda da maioria do Plano Real.

**\* Marcelo Neri é Ph.D. em Economia pela Universidade de Princeton, mestre e bacharel em Economia pela PUC-Rio. É economista-chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV)**